

29 JUNHO  
1925

= ANO 1.º - NUM. 5 =

P EÇO  
1\$50

# O Espectro

ARTUR LEITÃO  
Director politico

PROPRIEDADE E EDIÇÃO DA "LVMEN"  
Redacção e Administração: Rua do Mundo, 95, 3.º - LISBOA

F. VALENÇA  
Director artistico

## OS NOVOS PAVIMENTOS



O arqueologo Matos Sequeira colhendo apontamentos para o seu novo livro:  
*Lisboa depois do terramoto executivo de 1925*



## As giboias da Republica e a miséria dos funcionários publicos

TENHO aqui debaixo de olho, para o que for conveniente, o grafico das giboias. É um mapa circunstanciado, meticoloso, exactissimo, — principalmente edificante! — das pitanças e benesses que um grosso bando de maiores da politica manduca e digere em lugares do Estado, ou em situações onde por influencia dele se amezendam, ou nuns e noutros cumulativamente, pois há por ai voracidades que não sentem nunca o papo bem farto, capacidades estomacais de elastica e indefinida amplitude...

Giboias lhes chamei. O nome é talvez inexpressivo. A giboia, quando infunde um boi pela bocarra a dentro, deixa ficar de fóra, á laia de palitos de Lorrão, as hastes do animal sacrificado. Mas os glutões da politica excedem-nas. São capazes de triturar e de assimilar os proprios chifres deste placido boi que é o Paiç — tão placido que não lhes marra senão a espaços, no redondel da Rotunda, depois de muito acirrado, o mansarrão...

A que proposito trouxe eu isto? Como ameaça? Longe de mim tal intenção, oh almas pulcras! A lista dos gastronomos e o rol dos competentes e pingues arraçoamentos virão a lume, sem que falte um só dos papões e sem que manque um unico centavo, logo que me dê na real tineta. Real, de res, rei, a coisa, o existente, o concreto. Virão para o soalheiro da publicidade, implacavelmente, inflexivelmente, sem que nenhum patrocínio o iniba, nem mesmo o de Santa Rita, que é advogada dos impossiveis.

Se me referi a esta reedição dos banquetes de Luculus foi tão só (por emquanto) para estabelecer contraste com o bando de famintos a que oficialmente se chama: o funcionalismo publico. O funcionalismo publico é hoje, em Portugal, o grande jejuador, o grande Succu. Como é que esta classe de gente consegue realizar o prodigio de viver e de aguentar-se, numa quaeresma abstinente e sem fim? Eis um milagre autentico!

Por inacreditavel que pareça, digo a verdade: Conheço um major de infantaria, com mulher e nove filhos, que nada mais ganha além do soldo. Pois, nessa familia heroica, ainda ninguem morreu de fome... Ninguém! Palavra de honra! Sustentam se, presumivelmente, do cheiro das cozinhas proximas, á similhaça dos lendarios aromófagos, a quem Camões fez alusão numa formosa redondilha:

Escrevem vários autores  
Que junto da clara fonte  
Do Ganges, os moradores  
Vivem do cheiro das flôres  
Que nascem daquele monte.

Á parte alguns quadros de funcionários apanguados: — os dos correios e telegrafos que teem pai alcaide, o Sr. Antonio Maria da Silva e da Pêra; os do Congresso, que são afilhados dos pais da Patria; e os da Caixa Geral dos Depósitos, onde o Sr. Amancio Alpoim demonstra, com a lição dos factos, que o capitalismo é um mal, mas que ha males que veem por bens — os restantes, os officiais, os magistrados, os professores, os dos cortiços do Terreiro do Paço, os mangas de alpaca provincianos, et alteri, estão a dieta, a dieta quantitativa, pois quanto á qualidade isso é bom para sibaritas...

Aqueles a quem incumbe o inadiavel problema de dar de comer a quem tem fome são, com algumas excepções dignificantes, precisamente os da boca cheia: — os giboias.

E como verifiquem que a injustiça se vai tornando clamorosa e que ameaça tornar-se imperativa, interrompem, contrariados, o seu afanoso trabalho mandibular e exclamam:

— Mais dinheiro?! Mas vocês não veem que seria preciso estampar mais notas, mais fiducia? E prometem que estudarão o assunto, á cata de solução melhor. E depois desta resposta dilatória, reentram logo nas delicias do repasto in-

terrompido. E enquanto o esmóem, vão conversando com os seus botões:

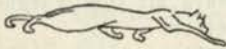
— Lá quanto aos paisanos, bem está. São vozes no deserto, vãos clamores.. O peor é a tropa, a tropa é que é o diabo...

A perspicacia destes legisladores, destes governantes, desta sucata de estadistas não vê mais longe... Para eles o facto de transformarem em inimigos do Estado os proprios servidores do Estado, isto é, os elementos de ligação entre o poder central e o País, é coisa de pouco mais ou menos, é uma futilidade, uma insignificancia, uma casca de alhos! Ora averiguem a preceito o que, pelas repartições publicas, se vocifera deante dos proprios chefes — que tem de ouvir e calar, porque a disciplina e a miséria nunca foram conciliaveis — e neguem lá, se de tanto são capazes, que a bolchevisação do funcionalismo não está em vesperras de realidade...

Quanto á tropa:

Se ela, pela força das circunstancias (o diabo seja surdo!) vier ali abaixo ao ministerio das Finanças, em passeio militar, o que acontece? Ah, nesse caso, os estadistas dão... Até dão, quando isso fôr, muita mais roupa á lavadeira...

A. L.



Çimas, a edição definitiva do Marquês de Pombal

Da pasta salvadora do Fomento,  
Qual é o estadista excepcional?

Que génio, que Messias, que portento  
Brotou neste cáotico momento?

Qual?

Quem muda em alcatifas as estradas  
Escalavradas  
E as obras públicas em obras primas?

Pois é o coronel Ferreira Çimas,  
Tição morticho alcandorado em Phébo  
A arder por sobre as nacionais cacholas,  
Qual lamparina cujo azeite é borra...

Ora cebo!

Ora bolas!

Ora... oxalá que este homem nunca morra!

JACOB INO.

## Dr. Abilio Marçal

O Dr. Abilio Marçal, abraçando a Republica, num sincero amplexo, foi um bom republicano. Beirão, amou como ninguem o seu torrão natal, Sernache-do-Bom-Jardim. Advogado, foi distinto no fóro. Director do Instituto de Missões Coloniaes, nele criou uma grande obra. E essa obra



A. M.

(Falecido em Sernache-do-Bom-Jardim)

foi o engulho, o osso atravessado nas guelgas da reacção catolica. Com os gorgomilos obstruidos, a reacção ultimamente uivou sibilante. Não conseguindo atingir o Dr. Abilio Marçal na honra, empeçonhou-lhe todavia os ultimos dias de vida. Com o passamento do adversario a reacção julgase triunfante. Hoje há quem pense mesmo numa restauração do antigo Colegio de Missões Ultramarinas, dirigido por padres e fabricando padres para exportação africana. Querem civilisar o preto com latim e rosarios... O sr. Ministro das Colonias que revista de todos os cuidados e cautelas a nomeação do futuro continuador da obra do Dr. Abilio Marçal. Os padres do Espirito Santo e outros, espreitam a presa...

Paz ao saudoso morto.

CARLOS SIMÕES.

# Lopes ou a Vitoria da Esquerda

CONHECEM o Lopes com certeza: aquele velho republicano, que nos tempos da propaganda foi sempre um indefectivel progressista.

Pois o Lopes, que é hoje uma força politica em Esturrados de Baixo, foi nomeado delegado ao congresso do P. R. P. pela comissão parquial de que é presidente. Aceitou com alvoroço a missão, porque Lopes de ha muito acalentava o desejo de ver Lisboa e de verificar se o sr. Antonio Maria da Silva era tão feio, como o pintavam os caricaturistas.

A despedida do Lopes, no apeadeiro que serve Esturrados de Baixo, foi, a um tempo, solene e comovedora, como parada de forças democraticas da freguezia e como vale de lagrimas da familia.

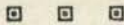
— Dê lá um abraço aos correligionarios! — pedia o regedor, enquanto esperavam o comboio.

— E toma-me cautela com os vigaristas, que dizem que são mais que as mães, lá em Lisboa...! — recomendava a mulher do Lopes.

— E não se esqueça de perguntar ao sr. Germano Martins se o sr. dr. Afonso Costa recebeu, em Paris, aquele cestinho de queijos, que nós lhe mandámos o ano passado — recomendava tambem o secretario da comissão parquial.

Lopes a todos atendia, solícito, e ia recolhendo de cada um dos seus numerosos filhos o beijo que eles enviavam, em retribuição, ao sr. dr. Bernardino Machado.

— Deus queira que não haja sarrabulho — dizia M.<sup>me</sup> Lopes. — O nosso compadre ferrador ainda ontem leu no jornal que logo na primeira sessão do congresso havia um Desaguisado na presidencia.



Emfim, Lopes chegou a Lisboa e embora não seja homem para se admirar com pouco, a verdade é que se surpreendeu do pouco que fizeram da sua qualidade de delegado ao congresso, porque na estação não estava nem meio correligionario á espera do representante de Esturrados de Baixo. Lopes encavacou e deixou-se conduzir para o hotel, como quem vai para a forca.

Lopes trazia uma orientação politica definida: a victoria dos *bonzós*, em homenagem ao chafariz com que o sr. Rodrigues Gaspar consolidara o prestigio do partido em Esturrados de Baixo. Para ele, *bonzós* era uma espécie de plural de bom, porque chamava sempre aos *canhotos* os *mausos* e além disso amava as direitas sobre to-

das as coisas e o sr. Antonio Maria como a si mesmo.

O primeiro dissabor politico sofreu-o Lopes no hotel, quando lhe distribuiram o quarto em que deveria dormir os seus agitados sonos de congressista democratico.

— É o n.º 15, no primeiro andar, á esquerda.

Lopes ainda argumentou que não era canhoto, mas não conseguiu obter um alojamento á direita, porque os quartos dêsse lado estavam todos occupados, para disfarçar, por um carregamento recém-chegado de amigos politicos do sr. dr. José Domingues dos Santos.

Em seguida, Lopes foi almoçar, e durante o almôço embeberrou porque o criado lhe serviu o bife e os ovos pela esquerda.

— Irra, que perseguição esquerdistas! — pensava Lopes, subindo a rua do Carmo, á procura do elevador de Santa Justa, de que na terra lhe tinham falado como da oitava maravilha do mundo.

— Obra assim importante — magicava Lopes — não pode ser senão da direita.

Nova e tremenda decepção! O elevador lá estava, mas á esquerda.

Furioso com o predominio da esquerda, que áquella hora gosava até o privilegio de ter sombra e de por ela ir deslisando um cortejo de mulheres bonitas, Lopes dobrou a esquina da rua Garrett e eis que os seus olhos espantados vão bater, como duas pedras certeiras, numa taboletasinha de ferro, aparafusada na coluna dum candieiro: «Seguir pela esquerda».

— É o segues! — exclama Lopes, entalando bruscamente o guarda-chuva debaixo do braço. — Cá para mim propagandas destas não pegam.

E resolutamente atravessa a rua, esboça uns passos de *fox-trot* diante dum automovel que descia, beija respeitosa e no focinho os cavalos dum *coupé* que subia e instala-se no passeio fronteiro, contente por ferrar aquella partida aos *canhotos*.

Tres passos andados, novo candieiro, com nova placa de ferro. Lopes pára e dispõe-se a lêr a taboleta, convencido de que vai encontrar uma frase de propaganda a favor dos *bonzós*, qualquer coisa como: «Votar na direita».

Mas... maldição! — como se diz nos romances a fasciculos — a nova taboleta é tambem ca-

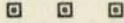


nhota, porque lá está na placa, implacavelmente escrito: «Seguir pela esquerda».

Lopes sobe, pelo meio da rua, o resto do Chiado. As fontes latejam-lhe, zunem-lhe os ouvidos, sente que os seus princípios políticos têm os cabelos todos em pé.

Entra na «Brazileira», encomenda um café-sinho restaurador de energias.

Oh! é demais para um Lopes só! O criado, decerto vendido aos *canhotos*, traz-lhe o café numa chavena que tem aza do lado esquerdo.



Longo seria descrever como é que Lopes, á saída da primeira sessão nocturna do congresso, se encontrou num clube, a comer uma *omelette* de camarão, tendo por parceira de mēsa uma criaturinha airosa que para Lopes só tinha o defeito de ser muito pestanuda, o que a suspeitava de correligionaria do Pestana Junior.

Lopes esquecia por ela a mastigação dos crustaceos e tendo-lhe mostrado a carteira bem provida, recebia em meigos olhares, doces sorrisos e ternas palavras, promessas de amor infindo.

Afagando-lhe sobre a toalha a mão de afilados dēdos, adornados de joias falsas, Lopes quiz saber como se chamava o «seu amorzinho».

— Vitoria — disse ela, trincando migalhinhas de pão.

Diabo!... Que coincidência azarenta!... A mulher de Lopes, que lá ficára em Esturrados de Baixo, tambem se chamava Vitoria e isto era uma especie de remorso vivo...

— És «trouxa»...! — disse a rapariga com infinita meiguice. — Que tem isso? Tens lá na terra a Vitoria da mão direita e eu fico sendo a Vitoria da esquerda.

Lopes nem teve tempo para dizer «não me digas isso nem a brincar», porque caiu suficientemente fulminado com uma congestão, a unica manifestação cerebral que ele teve em toda a sua vida.

Transportado num carro da Cruz Vermelha ao banco do hospital, o medico de serviço limitou-se a verificar o obito e a tirar-lhe da boca a ultima prestação da *omelette*.



O cadaverico Lopes foi enviado, como encomenda postal, para Esturrados de Baixo, onde a junta de freguezia lhe fez funerais nacionais, em ponto pequeno, justa homenagem ao velho republicano que, nos tempos da propaganda, foi um indefectivel progressista.

E. FIÉCE.



«CANTARES D'AMIGO» — Livro

escrito com muita gramatica e com muito coração. Assim como D. Diniz se estarrecia perante o palminho belo de cara com que adregasse de topar, Severo Portela desbarreta-se ante o que ha de lindo em Portugal. Nada de derrotismo, antes pelo contrario. «Cantares d'Amigo» confia a valer no esforço do lusiada!

Severo Portela, portanto, só é severo com os desmandos dos que adulteram a arte de escrever com correção. Purista, vernaculo, esmiuçador dos dizeres do povo, «Cantares d'Amigo» é um livro portuguez. Podemos, pois, tambem declarar que é portela sempre fechada á invasão de elementos que barbarissem a lingua castiça do Bernardes, mais do Antonio Vieira, mais do Camilo.

Quem quizer sentir-se dentro do espirito nacional abre os «Cantares d'Amigo», em boa e fina edição de papel portuguez. Os beirões e os tripeiros são postos por Severo Portela em duas condecinhas muito embrincadas. O mesmo succede ao Santo Antonio, mais ao Camões. Rescende a cravos do mez de Junho o portuguezissimo volume «Cantares d'Amigo», que tanto parece estar dizendo a cada pagina: — viva Portugal, linda terra de ternura, de emoção, de encantos. Ha nele muita e desabalada alegria. Ouve-se atravez dele o som das violas em plena romaria. Embora a meio da festa Severo Portela ponha o Bandarra a falar... ele não profetisa ao paiz qualquer calamidade. Amigos todos, nos «Cantares» de Severo Portela, livro de clara e sadia prosa nacional.

# Opiniões sobre o Parlamento

O Parlamento é um pretexto para eu dizer vinte vezes por hora — *o paiç portuguez.*

*Jaime de Sousa.*

Se eu fosse taberneiro punha o ramo de loiro em S. Bento e vendia o vinho em Paris.

*Afonso Costa.*

O Parlamento é um lugar onde se fala de negocios do Estado... em voz baixa com os amigos.

*Nunes Loureiro.*

Casa de bruxa onde se preparam todos os maleficios.

*Moura Pinto.*

Local onde se fala em voz alta enquanto os outros discursam.

*Francisco Cruz.*

Unica loja onde se vendem bolos de quinze dias sem que os freguezes protestem.

*O homem do bufete.*

Parlamento — invenção para fazer falar quem não é orador.

*Baltazar Teixeira.*

Instituição monarquica que os republicanos perfilharam para que os monarchicos possam dizer mal da Republica, sem perigos de maior.

*Carvalho da Silva.*

Posição onde assestei as minhas baterias contra Roma, contra os frades e contra Deus. Eu puxo o gatilho mas quem regula o tiro é o José Domingues.

*Sá Pereira.*

Especie de casa de passe onde se levam alferes ingenuos por engano.

*Garcia Loureiro.*

Instituição inventada por mim. O que ali cai nunca mais anda.

*Rodrigues Gaspar.*

Um paradoxo. E' preciso o barulho da campanha para que haja silencio.

*Domingos Pereira.*

Parlamento: — relógio onde as tres horas soam ás quatro e meia.

*Cancela d'Abreu.*

Quando entro em S. Bento cruzo os braços para que até a mão canhota me pareça da direita.

*Antonio Maria da Silva.*

Unico sitio onde sou *alvo*... das piadas de Sá Pereira.

*Lino Neto.*

Alcacer Kibir onde cada um de nós se sente D. Sebastião. Mas hade chegar a nossa manhã de nevoeiro.

*Ginestal Machado.*

Local que seria de prazer se não houvesse deputados com a mania do *sport* e má pontaria.

*Afonso de Melo.*

Campo de experiencias da minha nova invenção da palavra sem som.

*Correia Barreto.*

Um terramoto!

*Joaquim Crisostomo.*

A casa com peores condições acusticas que conheço: cá em baixo não se ouve nada.

*Ferreira de Mira.*

A casa com peores condições acusticas que conheço: cá em cima não se ouve nada.

*Carlos de Vasconcelos.*



## «A Seara»... alheia

O valente grupo de moços de forçado que dá pelo *sobriquet* de «Seara Nova», seara que já tem dado algumas espigas ministeriais, ao que se diz arranhou capitalista com trezentos contos disponiveis para fazer brotar quinzenalmente a dita «Seara», na alternativa dum diario ao alcance de todas as bolsas.

Mas para que precisará a «Seara» de todo aquele «milho», se ela, como empresa editora, se arranja por forma a gosar a situação privilegiada de não só não ter coleira, como publicamente se gaba, mas tambem de não pagar imposto?

Não poderia o premeditado jornal sair a publico pela mesma fresta por onde veem para a luz da publicidade as obras dos «seareiros»?

Não façam cerimonia...

## O "raid" Almeida Pinheiro

*O ex-capitão aviador Almeida Pinheiro, ausente em parte incerta, envia-nos a seguinte carta, em que transparece o desalento de um heroe que, á semelhança de Scipião, o Africano, pôde justamente dizer ao seu pai: «Ingrata Patria, non possibedis ossa mea!» A carta é em verso: sabe-se que o ex-capitão aviador só não compôs os «Luçadas» por Camões se ter atravessado. Injustiças do destino!*

Amigo redactor :

Venho pedir licença,  
Caso não leve a mal,  
Para, no seu jornal  
(A coluna mais forte e a pedra mais macissa  
Deste vasto edificio a que se chama Imprensa)  
Me poder ocupar dum caso de justiça.

O caso é este: um dia  
Tive um sonho de glória,  
E resolvi pagar-me a louca fantasia  
De ocupar um lugar tambem na nossa História.

Estudei longamente um *raid* colossal,  
Uma proeza enorme, uma audacia sem par  
Que fosse celebrada em todo o Portugal  
D'aquém e d'além-mar...

Mas não basta dispôr de rendilhado estilo,  
Só com palavras não se assombram multidões;  
Precisava tambem de possuir aquilo  
Com que se usa comprar as peras e os melões.

O resto é já sabido.

Fui a um cheque, assinei-o em vez do Vitorino,  
Tratei de o carimbar como se fosse o adido  
E mandei-o cobrar ao Banco Ultramarino.

Digam-me agora, meus senhores:—sem desprimôr—  
Sendo eu aviador  
Que quieram que eu fizesse, ao receber o bago?  
Voar, está bem de vêr.

O cheque estava pago,  
O vento, de feição; do nosso C. E. P.  
Nem um par de lençoes restava a liquidar.  
Ficar? Sim, para quê?  
Que tinha eu que ficar?

Por que estava em Paris, despedi-me à franceza.  
E como, com franqueza,  
Não sou nenhum palonso,  
Até me dispensei de ir abraçar o Afonso.

Parti. Voei. Aonde fica o *raid* Saccadura?  
Durou tres mezes só, — o meu ainda dura,  
E o Lisboa-Macau? E o Lisboa-Bolama?  
Nenhum atinge a fama  
Que o meu nome alcançou.

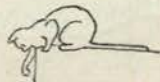
Vamos, digam-me lá se já alguém voou  
Com esta prontidão e esta velocidade?

Ingrata sociedade!

Não ganhei, podem crer, nem mesmo p'ro petroleo  
E o que me dana mais  
É ver essa fatal injustiça em que andais:  
Para uns, o Capitolio,  
Para mim, se apar'cer, um canto do Limoeiro.  
É demais.

Mande sempre o

ALMEIDA PINHEIRO.



## Marques ou Marquês?

Os pavimentos levantados e os precipicios abertos nas ruas de Lisboa dão a toda a gente a impressão de que a cidade foi devastada por um terramoto. O que ninguém sabe é que esse espectáculo foi preparado e dirigido muito habilmente pelo ilustre presidente da comissão executiva da Camara Municipal, sr. dr. Marques da Costa, que deseja passar da absurda designação de Marques para a gloriosa categoria de Marquês. Desejando tambem reconstruir a Baixa, e á falta dum terramoto autentico, o sr. dr. Marques da Costa ordenou capciosamente a acumulação de bastantes ruinas nas arterias principais da cidade, para usufruir a gloria de as mandar reparar. Assim, por este processo original e expedito, s. ex.<sup>a</sup> conquista o direito de ser, na verdade, o novo Marquês... da Costa.

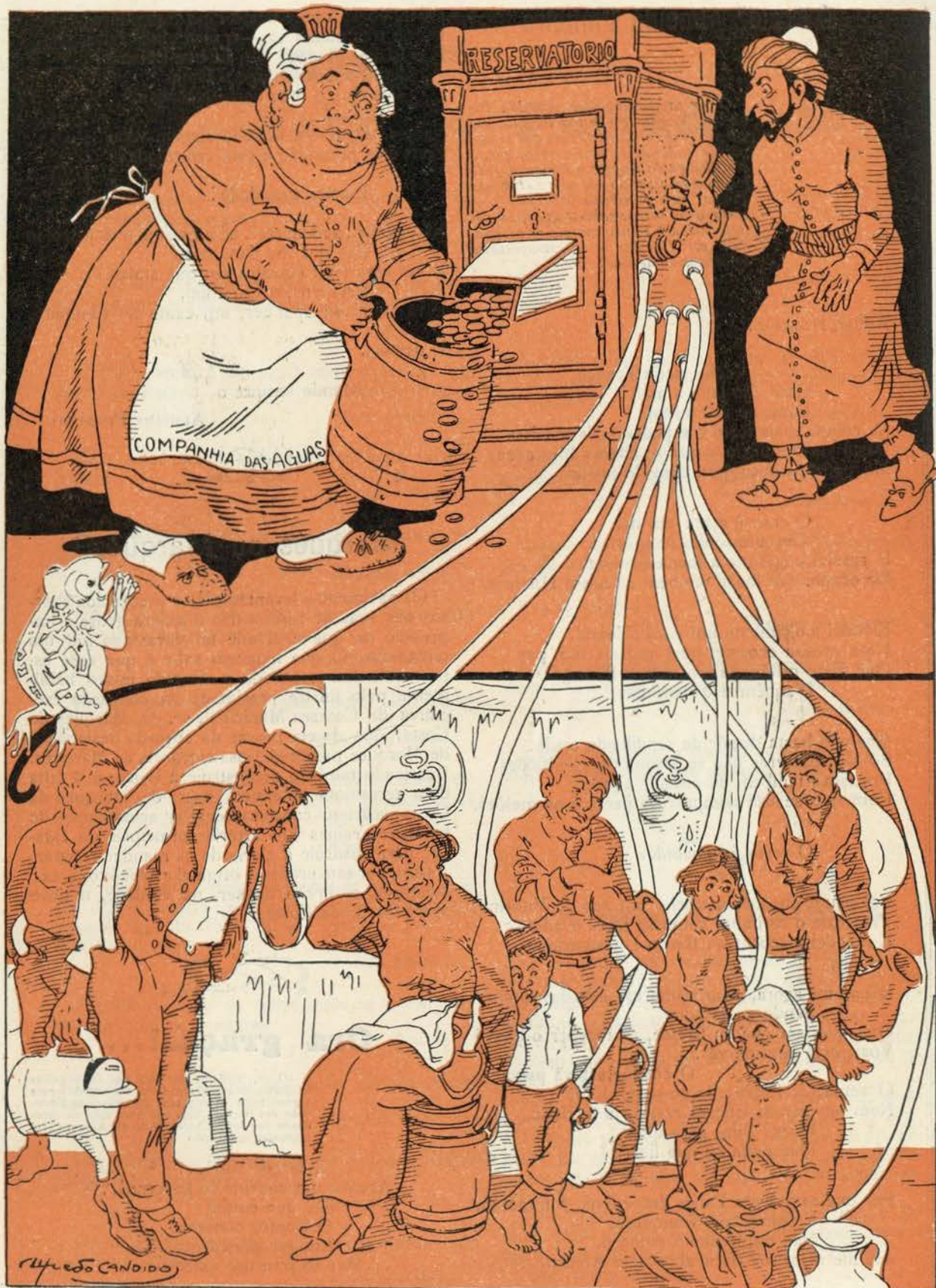


## Ora graças!...

«O sr. ministro dos Negocio's Estrangeiros telegrafou ao sr. Afonso Costa convidando-o para a presidencia da delegação portuguesa na Sociedade das Nações, lugar que tinha sido desempenhado por João Chagas. O sr. dr. Afonso Costa respondeu aceitando.»

Disse que sim!...  
Aceitou um convite do governo!...  
Até que emfim  
O Doutor consente  
Em ser presidente...  
...Mas só p'ra uso externo!...

# Lisboa à sêde...



A unica Fonte:—A fonte de receita...



# O peixe caro



ELA: — E' como lhe digo, tio Fañeca: nós também **sems** fôrças vivas...  
e da costal

# C. M. L.

O sr. Presidente baralha as cartas. Em volta, os dignísimos vereadores, contam as *fixas* das bandejas e ageitam os cinzeiros.

— Está aberta a sessão! — diz o sr. Presidente estendendo as cartas em leque sobre a meza. — Dás tu!

O vereador dos cemiterios, baralha e distribue as cartas.

— Vocês sabem — diz o vereador dos incendios — anda para aí tudo contente com a ideia do Metropolitano! Que é trunfo?

— Paus! — respondeu o vereador das limpezas. — Essa do Metropolitano só lembra ao diabo! De quem é o valete?

— Meu!

— Metropolitano em Lisboa! Só se nós estivessemos doidos! O az de trunfo! E então a Companhia dos electricos ja nisso? A vaza é minha! Para que é ela ingleza?

— E os do Metropolitano davam passes à gente?

— E o davas!

— Corto! Trinta e seis e cinco, quarenta e um!

Venham de lá duas *fixas* de cada parceiro! Dou eu!

— E os jornais não repontarão?

— Ora! Se a gente não os lêr, é como se não dissessem nada! Peço licença!

— O que eles têm dito do calcetamento?! E no entanto eu cá por mim... Passo!

— Este camarada está sempre feito! E a questão da agua!? Parece que a população tem sede!

— Que beba vinho! Não somos nós um paiz de vinhateiros?! Bólo!

— Natural?

— Não! Tem furo!

— Vamos a ele! Vejam lá vocês se alguém já fala na questão dos *gaioleiros*! Pudéra! Passou de moda! Paus! Tenho o Rei á terceira!

— Então manda-o para a Guiné! Irra! Caças-me sempre!

— De quem foi aquela ideia de mandar pôr quadrados de chocolate na Rua do Ouro?

— Foi do Ferreira! É uma homenagem ás nossas colonias! E creio que agora vai mandar forrar a Rua Augusta com bocados de côco!

— Fala lá!

— Passo!

— Passo!

— Dá tu!

— Já estou sem *fixas* na bandeja!

— E eu!

— Aquí o camarada está hoje com uma sorte!

— Peço licença!

— Prefiro!

— Joga!

Subitamente, o sr. Presidente faz uma cara de grande espanto, poisa as cartas e exclama:

— O rapazes! Agora me lembro que nós reunimos para tratar dos interesses da Cidade!

— É verdade!

— E nós que não nos lembravamos disso!

— É preciso mostrar á população que aqui trabalha-se!

— Apoiado! Joga lá e vai falando!

— A manilha de paus! A opposição diz que não fazemos nada!

— Intriguistas! Corto! É preciso mostrar a essa gente que estamos atafalhados de ideias!

— Apoiado! Felizmente isso é que não falta por cá! Olha, tenho o az sêco!

— Portanto toca a pensar! Joga lá! É preciso uma grande idéia para deixar tudo de cara á banda! A vaza é minha!

— Tu não tens aí uma grande idéia?

— Tinha mas partiu-se! Ganhei!

— Tenho eu uma! — disse o vereador dos cemiterios que tambem é poeta: — Proponho que toda a gente que vai visitar os mortos seja obrigada a decorar o *Noivado no Sepulcro*!



— Está bem! Que é uma ideia teza; Jogo a dama!

— Tenho tambem uma grande idéia! — disse o vereador dos incendios: — Proponho que em vista de haver pouca agua, se faça o seu aumento!

— Fixe! A água passa a custar mais vinte mil réis o metro!

— Bólo!

— Outra vez?! Assim não jôgo!

— Nem eu!

— Então encerro a sessão! Demais a mais é meia noite e meia hora e não quero perder o carro!

— Bem! Quando ha agora sessão?!

— Queres levar o dinheirinho á gente, hein!

— Amanhã, se vocês quizerem!

— Está fixe!

— Dize lá ao continuo que faça a nota officiosa e que a mande para os jornais! Boa noite!

— Os jornais! Ainda são capazes de dizer que nós não fazemos nada!

ANDRÉ GODIM.



## Um numero

A politica, sobretudo na sua fôrma caseira de politiquice, assume por vezes aspectos pitorescos pela naturalidade impudica com que traz para a publicidade as chinelas e o roupão do serviço domestico.

Agora, por exemplo, com este caso da demissão do governador civil do Funchal tem sido um estendal de roupas intimas, uma série infeliz de argumentos e frases familiares dos cavacos politiquiceiros, chegando-se ao ponto de as proprias notas officiosas tratarem os deputados da Madeira pelos «Irmãos Olavos».

Francamente, como expressão officiosa, esta designação é dum ridículo absolutamente infeliz e que atinge a Madeira, os deputados em questão e o governo que da frase se serve. Quando menos, lembra um numero de programa de circo: «Irmãos Olavos—Forças combinadas».

## Faltas

TEM faltado o pão nas padarias, a agua nos canos, a resignação em alguns espiritos e o juizo em bastantes mioleiras, mas para todas estas faltas se encontra justificação em motivos de ordem material ou psiquica. O que se não justifica, porém, é que haja falta de numero na Camara dos Deputados, quando se está a dois dias do fim do ano economico e ainda não ha nem uma lasquinha de orçamento aprovado.

Pois compreende-se que se tenha prorrogado a sessão legislativa para que os senhores deputados não vão á Camara? O melhor e o mais economico é fechar o seio da representação e mandar para casa os porteiros, a digerirem em familia aqueles vencimentos que fazem crescer agua na boca a juizes, capitães e outros infelizes servidores do Estado, que não tiveram a dita de serem continuos do Congresso.

## Para o Banco

Os jornais dão guarida ao boato de que, para a vaga de secretario geral do Banco de Portugal, será nomeado o sr. Velhinho Correia.

Pessoas que facilmente se surpreendem, boquiabrem-se em espantos perante esta nova e lan-

çam aos quatro ventos esta interrogação pasmada: «Mas porquê, o Velhinho?»

Ora vamos... As indicações concorrem na pessoa do indigitado futuro secretario geral. Pois não é ele o autor da «Valorisação do Escudo», volume de mais de duzentas paginas? Um homem que valorisa o escudo, mesmo á pena, é pena não ser aproveitado no Banco, que emite os escudos imperfeitos que todos nós conhecemos.

E depois, como Velhinho, embora Correia, o seu lugar é num Banco, porque os senhores hão de ter notado a tendencia que os velhinhos tem para os bancos .. dos jardins, em manhãs de sol.

## Contrastes

A vida está pela hora da morte e na vespera de S. João estiveram na Praça da Figueira cerca de treze mil pessoas.

A crise de trabalho é grande e em numerosas ruas de Lisboa se armaram arraiais, com filarmónicas a conto de réis por noite e fogo de artificio a tres escudos por foguete doutras tantas respostas.

O comercio geme, a agricultura estiola-se, a industria definha e por esse país fora, do Minho ao Algarve, tem sido um regabofe pegado de romarias e festas aos mais desconhecidos santos do calendario.

Conclusão: é pena um país de tão bom humor ser governado por tão tristes homens publicos.

## Legiões

A policia ainda não averiguou definitivamente se estava ou não para constituir-se uma *legião vermelha feminina*, cujo objectivo seria a liquidação sumaria de alguns homens, diz-se que por meio de envenenamento.

Calcule-se que estragos causariam vinte ou trinta mulheres a intoxicarem o proximo, quando tantas vezes basta uma só para nos envenenar a existencia.

## Uma mensagem

CONSTA na Camara que os deputados silenciosos, aqueles que só falam quando têm qualquer coisa a dizer, pensam em dirigir uma mensagem aos seus colegas considerados «azes» do discurso de geração espontanea e que são, entre outros, os srs. Pires Monteiro, Agatão Lança, Tavares de Carvalho e Carvalho da Silva.

Mais consta que essa mensagem preconisaria, para uso dos trabalhos parlamentares, o sistema Singer ou seja o das maquinas silenciosas, lembrando aos torrenciais oradores que

A fala foi dada ao homem,  
Rei dos outros animais...

unicamente para exprimir pensamentos e exprimer ideas.

O MELRO.

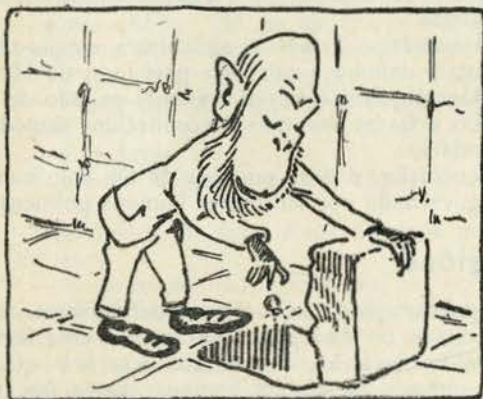
# O feiticeiro (Conclusão)



O ladrão, julgando que era dele que o feiticeiro falava, largou a correr, espavorido, para junto dos companheiros, que, por sua vez, vieram de mansinho escutar á porta.



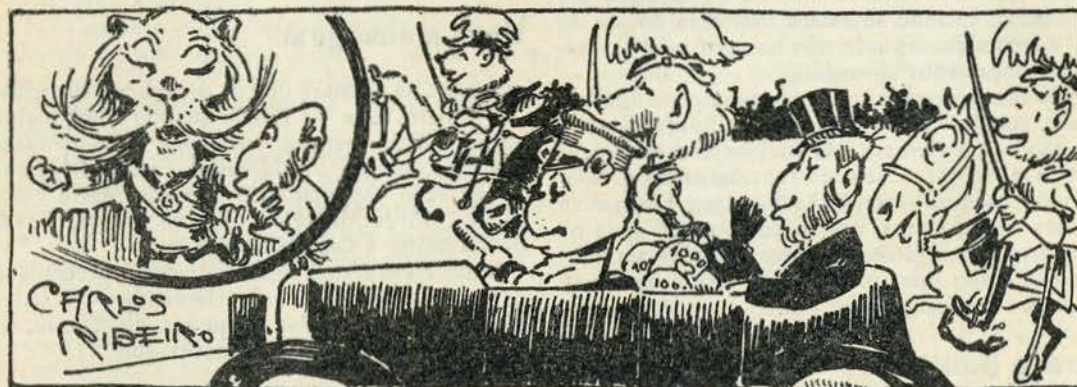
«— Isto vae bem! dizia *Caracol* lá dentro. Cá estão os dois que faltavam...» Os cúmplices não quiseram ouvir mais. Entraram no carcere e lançaram-se aos pés do espertalhão



pedindo-lhe pelas alminhas que os não denunciasse. E entregaram-lhe o anel e uma quantia graúda para garantir o seu silêncio. O outro, que não queria crêr o que ouvia, foi guardando as duas coisas e



depois de os ter mandado em paz com uma severa reprimenda, tratou de esconder a joia num canto da prisão. E, no dia seguinte, quando o Rei com a princeza, veio saber o resultado das suas mágicas reflexões, entregou-lhes, triunfante,



o precioso anel. Satisfeitíssimo, o Rei passou toda a tarde com o nosso heroe, passeando pelos jardins do Paço. A certa altura mostrando-lhe a pata fechada perguntou-lhe o que ela escondia. Mestre *Caracol*, apanhado de surpresa, só poude murmurar: «— Ai! *Caracol*, agora é que foste caçado!» E era um caracol que o Rei tinha apanhado.

E assim o «feiticeiro» regressou a penates carregado de presentes e de honras.

E digam-me agora se não haverá, entre os homens, reputações assentes em tão sólidas bases como a do nosso *Caracol*?



(Continuação do n.º 2)

### CAPITULO III

#### Legiões

As legiões em Portugal são sete, como os pedacinhos mortais e as côres do arco-iris, a saber:

**Legião Roxa.** — Composta de bebados que se entretêm fazendo explodir palavrões na via pública. Inimigos da água que não seja ardente, as suas medidas de ataque são o litro e o meio litro.

Pela simples razão de andarem sempre aos bordos, ninguém se lembrou ainda de os meter a bordo.

**Legião Anilada.** — Constituída por mancebos que hesitam entre os dois sexos, por uma questão de comodidade e moda.

Têm pela mulher o horror que a Natureza tem ao vacuo. Vivem em colónias, dirigidos por um chefe, o mais *bela-kun* de todos provavelmente. A sua arma é o *bon-bon*. Faceis de apanhar á traição, deveriam metelos num bergantim com destino a Nápoles...

**Legião Azul.** — (Já um pouco desbotada). Resto de maior quantia. O grosso foi-se passando á sucupa para a côr que melhor lhe dizia ao parecer.

Usam a bomba *aspirante-premente*. A Republica resiste á *pressão* e vae deixando que eles *aspirem*. Vivem em *centros*, como a fruta, e não são deportáveis.

**Legião Verde.** — A maior de todas. Não ha formigueiro que se lhe compare. A sua arma é a *artelharía civil*. Chamam-lhe a mais *avançada* por ter *avançado* sobre tudo quanto tinha que roer. Cada *legionario* tem o seu ideal: um emprego chorudo, as horas todas livres e uma pistola F. N. Posta a bordo, ficariam apenas em terra as crianças de peito, o leitor e mais meia duzia de malucos como eu.

**Legião Amarela.** — Vadiagem engravatada que passa as 48 horas de descanso diario, á porta dos Cafés, pejando os passeios e dirigindo ás mulheres dos outros as chufas indecorosas que os outros dirigem ás mulheres deles.

São o principal motivo decorativo das ruas da Baixa. Um imposto lançado sobre cada obscenidade que proferem em voz alta, pagaria a divida externa e poria a libra a tostão.

Não os empandeiram para a Africa por moralidade: não ha o direito de fazer córar os negros.

**Legião Alaranjada.** — A que nos tem posto a pão e laranja. Opéra por envenenamento, e, das suas victimas, só aproveita o esqueleto. E' a que faz o *pãosinho* com gesso de presa, o chouriço com anilina, o leite com *chi-chi* de vaca e o presunto fiambre com botas velhas de elastico.

Fundadora da *Sociedade de Propaganda contra a Tuberculose*, tem, de vez em quando, rasgos de *generosidade* para se lhe não acabar a freguesia.

Mandados para a Guiné, reapareceria a escravatura. A grande medida seria mete-los a bordo, debaixo dos carregamentos de bacalhau que eles deixam apodrecer de preferencia a baixarem lhe o preço.

**Legião Vermelha.** — Obra de todas as outras. Ha mães que horrorisadas pelos abortos que deitam a este mundo, estrangulam os filhos á nascença ou metem-os, aos bocados, na pia. Assim se fez, assim se fará sempre...

RUY VAZ.



## Na espinha...

Trecho dum dialogo, trocado entre um democratico e um nacionalista

*O nacionalista* — Como estás?

*O democratico* — Na espinha!

*O nacionalista* — Não parece. Estás gordo, córado...

*O democratico* — Na espinha é que eu estou. Não é o partido democratico a espinha dorsal da Republica? Logo, se estou no partido democratico, estou na espinha!

*O nacionalista* — Que diremos nós... sempre na opposição!

*O democratico* — Não estão nada mal. O Alvaro de Castro ainda por cá deixou alguns reconstituintes para vocês se fortalecerem.

*O nacionalista* — Mas o partido democratico sempre será a espinha da Republica?

*O democratico* — Sim, senhor. Porque é que se chamam espinhosos todos os logares que rendem boa maquia? Porque são para a rapaziada da espinha, ou seja do partido democratico.

*O nacionalista* — Nesse caso vou entrar para a espinha.

*O democratico* — Não tem logar. Estão tomados todos os ossos. Tomados e roídos...

## COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

Serviço regular entre a Metrópole e a África Ocidental e Oriental Portuguesa

Saídas de Lisboa em 1 de cada mês  
para os portos de África Ocidental e Oriental

Saídas de Lisboa em 15 de cada mês  
para todos os portos da África Ocidental

Saídas extraordinárias de Lisboa  
e portos do norte da Europa para a África,  
unicamente para carga

### FROTA DA COMPANHIA PAQUETES

«Nyassa».....	8965 Ton.	«Luabo».....	1385 Ton.	} Serv. de cabotag.
«Angola».....	8305 »	«Chinde».....	1382 »	
«Lour. Marques»..	6355 »	«Manica».....	1116 »	
«Moçambique»....	5771 »	«Bolama».....	985 »	
«África».....	5491 »	«Ibo».....	884 »	
«Pedro Gomes»...	5471 »	«Ambriz».....	858 »	

### VAPORES DE CARGA

«Cubango», 8300 ton. — «S Tomé», 6350 ton. — «Cabo Verde», 6200 ton.  
«Dondo», 6000 ton — «Congo», 5080 ton.

### REBOCADORES NO TEJO

«Tejo», «Cabinda» e «Congo»

Todos os vapores desta Companhia têm frigoríficos, luz eléctrica,  
excelentes acomodações e todos os modernos requisitos de navegação,  
proporcionando aos Srs. Passageiros viagens rápidas e cómodas.

Escritórios da Companhia { **Lisboa:—Rua do Comércio, 85.**  
**Porto:—R. da Nova Alfandega, 34.**

ANVERS, Eife & C<sup>o</sup>, Quaisvan Dyck, 10. — HAMBURGO,  
Agentes:—E. Th. Lind, Alsterdamm 39 Europahaus. — ROTTERDAM,  
H. Van Krieken, P O B 652.

Telefones: — P B X 2365 a 2370—Administração—Chefe do Expediente  
—Informações—Tesouraria e Passagens—Comissariado e Ser-  
viços Médicos—Engenheiros (Cais da Fundição)—Cais da Fundi-  
ção—Depósito e Armazens.

## Companhia de Moçambique

Governo do Territorio do Manica e Sofala

SÉDE-L. da Biblioteca Publica, 10-LISBOA

COMITÉ DE LONDRES

COMITÉ DE PARIS

Thames House — Queen Street Place - 17, Boulevard Haussman

LONDON, E. C.

PARIS

### Movimento Comercial em 1923

Importação ...	4.374.373\$00	Esc. ouro
Exportação ..	6.560.358\$00	» »
Reexportação .	21.331.648\$00	» »
Baldeação ...	6.145.418\$00	» »
Trânsito .....	9.999.619\$00	» »
Cabotagem ...	2.201.151\$00	» »
<b>Total ..</b>	<b>50.612.567\$00</b>	<b>» »</b>

## PAPEIS DE FUMAR

# ZIG-ZAG

Os melhores papeis do mundo

Double — Simples — Alcatrão

— Ramsés — Ambrée

Ponta Dourada

**Acabam de chegar**

**PREÇOS OS MESMOS**

Pedidos á

# CASA HAVANEZA

124, RUA GARRETT, 124

LISBOA

## BANCO DE PORTUGAL

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

**CAPITAL 13:500.000\$00**

**SÉDE-Rua do Comercio, 148**

**LISBOA**

**CAIXA FILIAL no PORTO**

Agencias em todas as capitais dos distritos  
administrativos do Continente  
e Ilhas dos Açores e Madeira, na Covilhã,  
Figueira da Foz, Guimarães, Lamégo,  
e Setubal, e Correspondencias Privativas  
em Elvas, Extremoz, Loulé, Olhão  
e Vila Nova de Portimão.

Correspondentes nas principais terras do País  
e mais importantes praças do Estrangeiro

**OPERAÇÕES:**—Descontos, transferências, em-  
préstimos e créditos em conta corrente, compra  
e venda de cambiais, cartas de crédito sobre  
praças estrangeiras, depósitos de dinheiro e va-  
lores, e todas as transacções que pela natureza  
especial da sua instituição lhe são permitidas.

## A Trovoada . . .

O Congresso Democratico exprimiu o voto de que fosse chamado o sr. Afonso Costa a organizar o primeiro governo. Mandaram-lho dizer. A primeira vista o sr. Afonso Costa ficou muito espantado. Não tinha havido banquete algum, onde esta lembrança do seu nome ressoasse ao *toast*.

... A que viria pois aquela exigencia? E expediu imediatamente o seguinte telegrama:

Germano Martins. — Lisboa.

Explica deliberação congresso, solicitando governo minha presidencia.

O logar-tenente respondeu:

Afonso Costa. — Paris.

Aquilo é para disfarçar. Quando não se entendem, apelam para ti.

Porque eles bem sabem que a unica coisa que conseguem é fazer-te ir á Serra. Se tanto fôr preciso vais á Serra e voltas para Paris, que eles já ficam satisfeitos. Não creias em manifestações. Vê lá o Victorino. Deram-lhe a maior votação do Congresso, para vir a ser colhido pelas manobras do menos votado.

O estadista replicou:

Germano Martins. — Lisboa.

Prepara opinião, imprensa e amigos para eu poder dizer que não, sem perigo de cataclismo nacional. Aguardarei momento oportuno. Façam um terramoto, arrazem Lisboa, declarem guerra ao mundo inteiro ou equilibrem o orçamento, estabeleçam uma ordem solida, desterrem o Cunha Leal e desmemoriem todo o povo portuguez..., e depois veremos.

### Na hora da agonia... do governo

Germano expede:

Afonso Costa. — Paris.

Caiu o governo. Vais ser chamado.

O Chefe replica:

Germano Martins — Lisboa.

Acabo de falecer. Vou embalsamar-me.

*Afonso Costa.*

### O Novo Ministério (ultima hora)

Por consenso unanime:

Já há um ministro para o novo governo, seja ele organizado por quem fôr: o sr. Tavares de Carvalho. Pasta: a da Instrução... Militar Preparatoria.

Quanto ao resto do elenco: Afonso Costa *super omnia...*

## A CRISE

O ultimo numero do Espectro teve o condão de agoirar a vida do governo. Desenhámos o sr. Victorino Guimarães nas trez fases de maximo, medio e minimo, e eis que já neste numero temos de anunciar aos leitores que o sr. Vitorino Maximo está completamente esvasiado!

Na impossibilidade de comentarmos o actual momento politico, por carencia de elementos de informação, solicitámos algumas opiniões de distintos ornamentos do jornalismo e da politica, que gentilmente acederam ao nosso convite.

### Seguem as opiniões:

Esta Republica demagogica já vae na 1478.<sup>a</sup> crise. Como resolve-la? Pela integração do *espírito da raça* na dinamica nacional, insuflando o *sopro animico* do Passado nas correntes hesitantes do futuro. (Vidê *Manual Politico*, pag. 1878). E ou se faz isto, assentando nas bases duma *politica europeia* que produza a concentração cinetica das forças patrioticas, recalçando para o fundo das sargetas o *lodo dos politicos*, ou então Portugal vae á vela, e eu, na minha função de contador da Boa Hora, terei de contar eternamente as crises ministeriais.

Entretanto, o *bolchevismo avança*, a Igreja *continua oprimida*, o sr. Pereira da Rosa não é chamado a formar governo e o sr. José Domingues dos Santos não deixa de praticar a suprema ignominia de fumar charuto e usar na lapela um cravo vermelho — um cravo da cor do sangue. Que descaramento e que provocação!

*Trindade Coelho.*

□ □ □

O que interessa é o aspecto moral: — A crise só será bem resolvida se a Igreja novamente lançar a sua asa protectora sobre este desgraçado paiz. E não se esqueçam que nesse dia o sr. Fernando de Souza será enforcado...

*Lino Neto.*

□ □ □

Monarquia? Ora adeus! Eu falo em monarquia e digo que sou monarchico só para arrelhar o Sá Pereira, meu querido amigo. O que eu quero, o que é indispensavel para lançar o paiz no caminho da prosperidade, é triplicar, decuplicar, centuplicar o coeficiente das rendas de casa. É este o meu programa de salvação nacional.

*Carvalho da Silva.*

□ □ □

O *Diario de Lisboa* só tem atitudes claras em face dos problemas publicos. Os seus quatro anos de existencia o provam. Como resolver a crise ministerial? E' muito simples. Nomeando um novo governo. De que partido? Do democratico ou do nacionalista, no caso de não poder ser do bloco, nem acionista. Aí está a nossa opinião, ditada com o desassombro que é nosso timbre. Evidentemente, ha uma outra hipotese: a dum governo monarchico. Mas, para isso, é preciso primeiro derrubar a Republica. A nossa opinião a tal respeito? Terminante, categorica: as virtudes da raça sempre se afirmaram nos momentos de crise. Ha ainda que considerar a probabilidade dum governo revolucionario. Desde já afirmamos sobre esse ponto o noss juiço, com a claresa de sempre: se as revoições são más, os governos constitucionais não são melhores. Por outras palavras: se o sr. Vitorino Gaimarães é bom, o sr. Filomeno da Camara tambem não é mau.

*Joaquim Manso.*

□ □ □

A unica solução está na dissolução... dada aos nacionalistas. Já se sabe o resto. Vem depois uma revolução, faz-se a união sagrada dos partidos, os democraticos voltam ao poder, nós continuamos a reclamar a dissolução para vir depois nova revolução, etc., etc. O que nunca mais vem é o arroz que eu comprei em Espanha.

*Augusto de Vasconcelos.*

# As nossas "Estrelas"



"La Bonza" estrela famosa,  
Que ha pouco fez um sucesso,  
Cantando, com voz fanhosa,  
"Chega-te a mim" - no Congresso.



E' mexida e resoluta  
"Dominguitas, La Canhota",  
Mas cada vez que debuta,  
Debuta e logo dá bota.



"La Cunha Leal", estrela  
Castiça, nacionalista.  
Ha quem já não possa vê-la,  
Por já estar vista e revista.



Bailarina e cupletista  
Nos moldes da velha escola,  
"La Camachita" é artista  
Que as outras todas "enrola"



"La Castro" em bailes-canções  
Produz trabalho luzido,  
Mas cá nisto de eleições  
Não tem um grande partido.



"La Bela Afonso", entre "olés",  
E' estrela-mór do Paiz! -  
Mas raspa-se a sete pés,  
Diz que só canta em Paris...

Isto não é um concurso, como o do "Diario de Lisboa", é uma experiencia. A vêr se alguém tem coragem de votar em qualquer destas lambis... Goyas.